

DESTERRITORIALIZAÇÃO DO PÁTIO ESCOLAR¹

DETERRITORIALIZATION SCHOOL YARD

ROBERVAL DA SILVA SANTIAGO

Prof.Dr. Universidade Federal de Campina Grande - PB - UFCG
Campina Grande, Paraíba, Brasil
berral2@yahoo.com.br

RESUMO: Considerando a ampliação do Conceito de Educação, o texto explora o Pátio Escolar tal qual um Locus Pedagógico Espontâneo cujo espírito de liderança, campo da solidariedade, foco de conflitos e tensões, espaço de gêneros e diversidades, lugar da exclusão, da alteridade, recanto de cooperação e da rebeldia e tantas outras formas de comportamentos que se mostram pertinentes ao Processo de Ensino e Aprendizagem fora de Sala de Aula.

ABSTRACT: Considering the expansion of the Concept of Education, the text explores the Courtyard School just like a Locus Pedagogical Spontaneous whose spirit of leadership, solidarity field, focus of conflicts and tensions, space and gender diversity, rather than exclusion, of otherness, nook cooperation and rebellion and many other forms of behaviors that show relevant to Case Teaching and Learning outside the Classroom.

“... Arrecadando fundos financeiros, por meio de cotas mensais, Marquinho acabou organizando o time de futebol da escola durante os intervalos das aulas.”

“... Preocupada com a situação social, Rosemeire não mediu esforço para sensibilizar os alunos do pátio escolar a corroborar com o projeto comunitário da professora Sílvia.”

“... Semanas depois de ser advertido junto à direção, Felipe voltou a exercitar sua fama de valentão coagindo a garotada no pátio da escola.”

Todos que um dia foi a Escola sabem o que significa o Pátio Escolar...

As conjecturas ficcionais então epigrafadas, à primeira vista, parecem irrelevantes, porém, mediante a uma análise Pedagógica Diferenciada, concomitantemente relacionada a uma visão educativa de modalidade informal

¹ Artigo submetido à avaliação em 15/01/2013 e aprovado para publicação em 18/03/2013.

cúmplice à ampliação do conceito de Educação e ao de Cultura Escolar, ambos desterritorializados da exclusividade do processo de ensino e aprendizagem amplamente cultuado em sala de aula, acabam por se mostrarem inusitadas e desafiadoras.² Quer dizer, se recorrermos a uma perspectiva pedagógica igualmente vinculada a uma dimensão sociocultural cotidianizada as práticas sociointeracionistas espontâneo circulante tanto no ambiente público quanto privado, as epígrafes mudam de sentido e transformam o Pátio Escolar num ambiente formativo cuja figura do professor é desnecessária.

É bom lembrar que as possíveis relações de sociabilidade e liderança, intenções de cooperação, espírito de organização e, ainda, foco de tensão e conflito, acima descritos são práticas sociais que circulam livre e diariamente no Pátio da Escola, quer seja durante o horário das entre-aulas, quer seja durante o breve interregno do recreio (dez a quinze minutos), apontam, efetivamente, para um conjunto de ações formativas que ocorrem fora do olhar do professor e dos demais especialistas da educação.

Relativo ao marco teórico da História da Educação, a fortiori, a nossa investigação baseou-se nos trabalhos dos historiadores José Carlos Libâneo e Franco Cambi. Entendemos que estes autores perpassam a descrição da História da Educação pautada na afirmação de que os processos formativos do homem, tendo em vista a ampliação do conceito de educação como sendo parte integrante do processo da jornada de sociabilidade e humanização, também podem ser encontrados fora da sala de aula.

Quanto à reflexão relativa à capacidade criativa do indivíduo em desenvolver e efetivar a produção, a reprodução e a transformação dos mais diversos conhecimentos e saberes, acabaram por ancorarmos no pensamento de Paulo Freire.

E por medida contextual, se a proposta do tema envolve a educação sóciointeracional, não poderia faltar o pensamento de Lev Semionovich Vygotsky. Em particular, a perspectiva da qual o autor analisa a formação educacional natural sóciointeracionista relativo ao contexto histórico onde o sujeito desenvolve múltiplas formas de aprendizagens.

No tocante a Análise do Discurso (pensamento Pós-Crítico), que estuda tanto a Crise Terminal da Escola quanto a oposição entre a Normativa Disciplinar do Professor em Sala de Aula e a Espontaneidade da Educação Informal nos inspirar nas obras

² LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, para Quê?* São Paulo: Cortez, 1998, p. 31-32. Sob a perspectiva do autor a educação precede a criação da escola. E levando em conta o contexto histórico, a educação faz parte de um processo formativo associado à comunicação, a interação e a aquisição natural e social pelos quais os membros de uma sociedade produzem, reproduzem e assimilam saberes, valores, habilidades e técnicas sob três dimensões: educação formal, educação não-formal e educação informal.

Documento de Identidade uma Introdução às Teorias do Currículo e O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos escritos e organizados por Tomaz Tadeu da Silva.

Sobre o recorte de desconstrução do imaginário da Cultura Escolar (entendida como o Processo de Escolarização fundamentado na Leitura e na Escrita) que apresenta o Pátio Escolar como um lugar do lazer e do retiro dos alunos (as). Por sua vez, para muitos educadores que consideram o Pátio Escolar como o lugar do “ócio” e do “hedonismo”, recanto do “desperdício da energia”, pautamos a pouco conhecida “Teoria da Desterritorialização”. Trata-se de uma teoria que se ocupa em estudar, mapear e identificar as formas de *Astúcias* que o *Sujeito* encontra para se ver livre das estratégias oficiais. Sendo Micheul de Certeau um exemplo clássico desse novo enfoque historiográfico.³

À nossa definição conceitual do Pátio Escolar compreende que se trata de um espaço físico reservado aos alunos (as) durante o período das entre-aulas e, concernentemente, nos intervalos (hora do recreio). Seja ele céu Aberto ou fechado (quadra poliesportiva), o Pátio Escolar é um espaço dentro da Escola e que, em muitos casos, é utilizado para eventos escolares (aula de educação física, feira de ciência, exposição didática, encontro científico, práticas esportivas, etc.), mas isto é outra história.

Socialmente, o Pátio Escolar é um *Lugar de Pertencimento* dos milhões de *Excluídos* à espera da *Merenda* que ainda não foi roubada...

De um modo abrangente, os Historiadores da Educação têm descritos os ritos de passagens dos povos primitivos como o primeiro lugar da aprendizagem que se desenvolveu conforme a necessidade de sobrevivência. E de fato não havia a separação entre o momento do saber do momento de descontração, da brincadeira e do repouso do jovem aprendiz ao lado dos mestres. Os valores de cultivar as ações de solidariedade assim como o espírito de cooperação permeavam todos os ritos iniciáticos. Também é verdade que a mesma situação ocorrera durante a *Paidéia* clássica (conjugando a Arte Peripatética) e a escola medieval, isto é, tanto os pupilos quanto os mestres partilhavam do mesmo ambiente da aprendizagem do lazer.⁴

Quanto ao mundo moderno, não há dúvida quanto à existência do senso comum a respeito de que o Pátio Escolar é o lugar restrito ao corpo discente, enquanto cabe aos

³ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano. Arte de Fazer*. Rio de Janeiro; Petrópolis, 1994, p. 198. Não se trata de uma teoria convencionalmente definida, mas uma perspectiva de estudo e mapeamento da produção cultural transitável a partir da experiência humana independente da espacialidade física.

⁴ CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 2000, p.166. A análise investigativa do autor a respeito da educação não sistematizada ocorrida no período das aldeias, Greco-romano e médio, permite uma disposta incursão hipotética relacionando a comunhão partilhada, entre mestres e aprendizes.

educadores se reservarem aos seus afazeres nas salas que lhes foram destinadas, a Sala dos Professores.

Da Malásia ao Xingu, o certo é que existem em todas as Escolas as Salas destinadas exclusivamente aos Professores. E todos sabem como os Professores consideram que, durante o Intervalo das aulas, que a sua é como se fosse um Santuário do repouso e proibido a presença de Alunos.

No entanto, não faz muito tempo que Paulo Freire advertia aos agentes envolvidos na educação sobre exacerbação do cumprimento das regras e da postura autoritária extenuamente exercido em na sala de aula. Para ele, as atitudes bancárias não tinham serventia para a formação e o desenvolvimento do sujeito crítico, autônomo, livre e soberano.⁵

A cultura escolar hierarquizada que privilegia a práxis do professor e a sala de aula como o exclusivo ambiente do desenvolvimento educacional atém-se a um referencial histórico, a modernidade. Isto é, não há dúvida quanto às doutrinas educacionais preconizadas pelos iluministas com propósitos de formar o homem racional, livre, autônomo, laico, secularizado, científico, fraterno e o lugar da ascensão social do indivíduo acabou encontrando na Escola o seu ambiente ideal. Isto perdura até hoje...

Mas será que a sala de aula, assistida por professores, é o único lugar onde ocorre o Processo da Educação? É claro que não!

Mas, antes de descrevermos a compreensão dos elementos que compõem os processos culturais formativos circulantes no Pátio Escolar, seria prudente advertir: primeiro, as proposições que serão levantadas daqui por diante não são de caráter generalizador; segundo, boa parte das questões anunciadas advém de leituras a respeito da educação Formal e Informal, especulações, observações, conjecturas problematizadas e troca de opiniões com os colegas professores.

Investigando o empirismo do Pátio Escolar descobrimos que ele não é só o ambiente da espera, do cochicho, da cabulagem, da novidade, da malandragem, da preguiça, é também, um Locus Pedagógico Interpessoal alternativo espontâneo.* Um ambiente vivo que gera e mortifica almas. O pátio pulsa vida. É um recanto pedagógico de expressão, sonho, conflito, desejo, fetiche, reedificação, acomodação, transgressão,

⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessário a Prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 42-44. A prática da pedagogia que busca a autonomia do sujeito não implicar a necessária ruptura com os saberes formais, porém, implica estabelecer parâmetros espontâneos, nos diversos ambientes pedagógicos, que aproveite as diversas experiências sociais que o aluno assimilou na sua condição de sujeito.

um micro-cosmo de deuses e demônios embriagados e atordoados. Nele há uma infinidade de trânsitos culturais circulando em todas as direções.

O Pátio da Escola é o outro distante, o próximo do gênero, o pontual e o diferente. E com tal, o Pátio integra, destrói, celebra, inibe e partilha competências, desenvolve habilidades, inventa e reinventa visões de mundo e estilo de vida. Ele é um ambiente cultural desterritorializado onde o coletivo não elimina o sujeito.

Durante o período do entre-aulas e/ou intervalo, a hora do recreio, as paredes do Pátio são borradas por desenhos obscenos, obras de artes estilizadas, frases de denúncias censuradas, gritos de libertinagens, grafites de insultos, poemas suicidas, nomes falsos, pronomes alienígenas, pseudônimos vítreos, juras de amores perdidos, paixões desencontradas, dores do ser, ideogramas confusos e lembretes de guerra. Nele a linguagem é difusa, enfim, são paradoxos de comunicações que desafiam todas as formas de linguagens e idiomas de Esperantos.

Em termos de prática esportiva espontânea, o Pátio é o campo da boa pelada cujo terreno revelou para o mundo, a arte de Pelé, as pernadas de João do Pulo, o penteado moicano de Neymar, a categoria de Joãozinho no Totó, a esperteza de Carlinhos na Bola de Gude, a elegante destreza de Marvin no Skate, e tantos outros pernas-de-pau em busca de fama e fortuna.

Suas colunas, visíveis e invisíveis, são riscadas com recados e avisos rebeldes conforme a disposição de quem o visitar. O Pátio Escolar é o patrimônio memorial-sensível, o tablado sagrado dos concluintes e dos que estão por vir. E nada pode ser tão avesso quanto a sua definição formal.

Se a pedagogia tradicional e, também, a pedagogia crítica, têm tratado a escola como um instrumento racional do domínio da leitura e da escrita cujos resultados são metrificados, quantificados e classificados, por sua vez, o Pátio Escolar foge à regra. E todos sabem que a sala de aula, no final de ano, submete ao aluno uma bateria de avaliações recorrente a critérios de excelências meritocráticas cujos resultados podem vir a ser classificatórios ou excludentes.⁶

⁶ PERRONOU, Philippe. *Avaliação: Da Excelência a Regulação da Aprendizagem*. São Paulo: Artmed, 1999, p. 138. A abordagem do autor referente às formas de avaliação nos permitiu reconhecer dispositivos normativos vigentes à escola moderna que inibem a criatividade do aluno. E de fato esta relação classificatória está associada a um sistema de operacionalidade que converte talento, habilidade e competência em diagnósticos meritocráticos e excludentes.

Se por um lado boa parte das obras do Educador Tomaz Tadeu da Silva analisa a Crise Terminal da Escola,* por outro, no Pátio Escolar a festa colorida da vida corre frouxa.

Quanto ao Gênero, é no Pátio da Escola que as meninas se comungam e se embriagam com a cumplicidade do amigo Gay, o charme domingueiro das Patricinhas, a malícia de Milady, as sutis paqueras do Shopping, a falta de crédito do Celular, o sorriso da Mona Lisa, o olhar penetrante da Medusa, o beijo roubado dos lábios da Amiga, a rememoração das últimas férias de Verão, o isolamento da solidão Pueril, o sonho prematuro da Independência, a eterna beleza da boneca Barbie, o lamento das Notas Baixas, as queixas das brigas familiares, a sensualidade profana de Marilyn Monroe, o fim do caso clandestino, a inocência da Bela Adormecida, o passeio lúdico de patinete de Milena, a revelada paixão pelo Professor, a inveja da sereia Lady Gaga, as desventuras de Dick Vigarista, a ternura iluminada de Penélope Chamosa e o breve adeus de final de ano.

O Pátio da Escola não é só o lugar da Brincadeira, nele há os Nerds com óculos grossos de mentes afinadas e corações de tolos que estudam burlando, aprende apanhando, ensinam cuspiendo, apreendem escrevendo versos toscos e míopes às escondidas para musas oníricas de lutos espartanas.

Ninguém sabe dizer quem veio primeiro: o Pátio ou Escola, a Escola ou Pátio...

Para todos os alunos (as), na Hora do Recreio, o Pátio Escolar pode ser o pior ou o melhor lugar do mundo. Uma vez pisando nele, rompe-se com autoridades e todo tipo de camisa-de-força. Nele não há professores perseguidores, psicólogos sabichões, orientadores exigentes, coordenadores prosaicos, diretores preguiçosos, secretárias almofadinhas, bajuladores de plantão, policiais de corredores ou qualquer agente da ordem. No ambiente do Pátio, o Poder Produz e Reproduz o cenário da contingência, reinventa a metáfora da salvação e de perdição. No Pátio, anjos e demônios se agregam.

Mas não sejamos tão ingênuos, no Pátio, esteja ele no fundo ou na frente da Escola, rola droga, pinta prostituição, se comete crimes, criva traição e bondade. Nele encontra-se o velado duelo entre o Vício e o Virtus ao limbo de um gole de Coca-Cola. O Pátio também é um mercado que esconde botija, vende bugigangas, negocia-se ilusão, trocam-se figurinhas, partilha-se botim, se mata e morre. Nas abas do Pátio, nada é perpétuo tudo é transitório amotinado e se volatiza no ar.

* Sobretudo os livros Documento de Identidade uma Introdução às Teorias do Currículo e O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos.

O pátio não tem dono, é terra-de-ninguém. Ele não tem regras nem limites para as intransigências e as Bonanças. O Pátio é um campo minado, terreno movediço, recôndito da brincadeira de roda, enxerte do mata-borrão, cantinho do futebol, campesinato da perna-de-pau, bulevar do flâneur, esconderijo da armação, playground da liberdade, estuário de risos amargos. Nele se joga ganhando, perde-se aprendendo, ensina-se amando, aprende-se odiando. E cada lição pode emancipar ou destruir a individualidade virtual. Nele não há desperdício, tudo é aproveitado. Na quadra ou no terreno lamacento, coberto ou céu aberto, O Pátio abriga um conjunto de saberes dessincronizados que desafia toda e qualquer Vã Filosofia Perciana.

Aventurar-se pelo Pátio Escolar e correr perigo e/ou morrer de rir. Ele consagra heróis, dessacraliza mito, atribui mérito, nomeia bandido, caça vantagem, promove baderna, estimula alegria, distribui pancada, eterniza corações e mentes. Ele é o império efêmero da fuga. A república dos bonachões, arremedo dos covardes. O Pátio é o oásis dos fanfarrões, espaço da truculência e do livre arbítrio. Nele há Vontade de Poder, impulsos de tensão. O oxigênio respirado no Pátio é pura testosterona surtada e entrecortada por adrenalina de hormônios estrogênicos.

Vale dizer, o Pátio Escolar não é apropriadamente um ambiente alfabetizador, mas sim, um Lócus Pedagógico Espontâneo cujos Processos Formativos se articulam através da brincadeira e da molecagem.⁷ O Pátio pode ser o lugar do sonho, do conflito, do desejo, do fetiche, da retificação, da acomodação, da transgressão, é um micro-cosmo.

Desterritorializado de sua dimensão física, as relações interpessoais circulantes no Pátio se entrincheiram no lúdico e na fé da vida. Nele não há fronteira que esbarre na ressonância dos que cantam, dançam, escrevem e querem brilhar. No Pátio Escolar, o hedonismo se faz diferente. O ócio torna-se um campo alternativo de utopias brandas e de sonhos juvenis que logo serão, inevitavelmente, adultos. O Pátio não tem sexo, não tem cor e pouco importa o dinheiro, fama e glamour.

A música produzida no Pátio vibra a céu aberto, quer seja coreto, bandinha de valsa, rock sertanejo, pagode de funk, quer seja melodia mal ensaiada no banheiro...

Inspirado no grande educador Paulo Freire, no sentido de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra escrita, o Pátio é um lugar onde acontecem várias leituras

⁷DIAS QUIROZ, Tânia. *Dicionário Prático de Pedagogia*. São Paulo: Rideel, 2003, p. 17. A compreensão de ambiente pedagógico espontâneo informal alternativo encontra-se diretamente associada a desterritorialização do processo formativo educacional desenvolvido no âmbito da informalidade cuja ação criativa, a difusão e a aquisição do conjunto de saberes estão correlacionadas a uma série de habilidades, de competências e de técnicas multiculturais do cotidiano. Conhecimentos formativos poucos aproveitados pela escola formal.

entre os interlocutores. Nele imbricam-se os mais diversos níveis de informalidade e de letramento cujas oralidades de gírias e de linguagens virtuais perpassam as infinitudes pedagógicas formais.⁸ No Pátio, o informal ocorre no sentido espontâneo construindo práticas cotidianas diferentes do que ocorre na sala de aula sob a insígnia do professor.⁹

Em termos pouco convencional, o Pátio Escolar pode ser o lugar da descoberta da sexualidade, o paraíso dos virgens, a lembrança da masturbação, a queda dos machões, passarela das Barbes, progresso do vício, saída do armário dos bambis. Ele pode vir a ser um campo fértil da possibilidade, a cornucópia de promessa com a dimensionalidade da cultura globalizada.

Considerando a produção da cultura indissociável da educação do desenvolvimento histórico sociointeracional da experiência humana, não se pode falar de um suposto lugar ou mesmo de um agente então responsável/exclusivo pela aprendizagem.¹⁰ Sobrepondo-se a isto, todo projeto de construção cultural do homem decorre entre a mediação do meio natural e a sua ralação histórico-social. E não se pode negar que isto tenha uma relação cúmpliciada com a produção instintiva.

Nesse aspecto, toda expressividade de arte desenvolvida no Pátio Escolar não têm fronteiras porque são artefatos polissêmicos e mosaicos de interlúdios. Não há no Pátio Escolar a figura do gênio criador, e sim, a do inteligente propositor/provocador. Suas cores perpassam o pecado e a redenção, a aridez e a transcendência. Se o Pátio fosse uma vaga pintura, mesmo desconhecendo à tradição das escolas acadêmicas, a expressão de sua natureza morta transbordaria de lágrimas e risos.

Considerando a infraestrutura das grandes escolas, temos observado que a arte empreguinada no muro do Pátio Escolar é fragmentada e pulverizada a cada semestre. O muro nunca está limpo. Suas paredes são as bordas dos desvarios, janelas da liberdade. Nelas há grafites de versos, garatujas pueris, bricolagens paródicas, fanzines plagiados, pornografias idolatradas, desenhos anônimos e recortes de menudos cantantes e tantas

⁸ SOARES, M. B. *Letramento: um tema em Três Gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1989, p. 120-122. A autora introduz o termo letramento referindo-se às práticas de leitura e escrita nos mais diversos contextos sociais e situações interacionais.

⁹ KLEIMAN, A. B. (org.). *Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995, p. 25-26.

Nesta obra a autora questiona o ensino do exercício de escrita na escola de maneira automática em detrimento de uma prática ideológica.

¹⁰ VYGOTSIKY, Lev S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 123-125.

Esta obra permite analisar os aspectos formativos do conhecimento humano de um modo geral. Para o autor, a produção cultural do homem é o resultado do processo histórico e social com suas formas variáveis de aprendizagem (observar, imitar, requisitar, inventar, etc.) que precede a existência da Escola. Nesse aspecto, a educação não é só uma interação ligada à linguagem simbólica do Letramento é, também, uma forma de mediação entre a experiência do *aprender* e do *fazer* vivenciada no cotidiano.

girls-playboy. Sua textura desiderativa está sempre repleta de incongruências simbólicas, frações de dígitos, códigos signatários, lampejos de ícones, retratos pastosos, anúncios de placebos enganosos, emblemas satânicos, fotografias de lolitas narcíseas e vômitos venenosos.

A linguagem coloquial/gíria/virtual do Pátio dispensa compreensão, análise, interjeição, sincronia, comunicação, improvisação, reinvenção, sujeito ou lugar. Seus artífices lingüísticos são aborrecentes vadios, rebeldes pró-consumistas, punks falsários, patricinhas encabuladas, trapaceiros obesos, delinqüentes extravagantes.

Não é fácil decifrá-los...

A compreensão que possibilita o Pátio representar-se tal qual um ambiente pedagógico informal requer uma demanda de saberes interdisciplinar. Isto é, o estudo do Pátio Escolar exige do observador uma visão topográfica sensível/perceptível/intuitiva vinculada à diversidade e a unicidade das experiências de aquisições culturais de cada pessoa e dos grupos conforme o contexto e época aos quais ela pertence.¹¹

No chão do Pátio Escolar pode-se ver mancha de silicone terceirizado, fuligem de festa clandestina, nódoa de brilhantina, gotícula de sêmem, marca poliesportiva, pingo de sangue, pacote de bosta, semente de marijuana, vômito alcoolizado, resto de fast-food, rastilho de pólvora, resíduo menstrual, pétulas de esmalte, risco de pentagrama, ponta de bituca, retraço de camisinha, poça de urina, pó de maquiagem, papel de chocolate, mecha plumada, borracha de chiclete, tira de papel higiênico, cola de sapateiro, bandagem de ferimento, gabarito de prova e sobras de poemas inacabados.

No recôndito do Pátio Escolar, de inverno a verão, abrigam-se secretos casos conjugais, provérbios de arbítrios, rompantes de paixão, segredos de ternuras, amores mal resolvidos, dores de satisfação, gozadas interrompidas, plano de bandidagem, tréguas de querelas e acerto de contas. Seus passantes são feiticeiros gritantes, pupilos cantantes, satânicos orantes, crentes dançantes, infiéis pedalantes que comungam, circulam, bocejam e lutam.

Também não sejamos inocentes, o Pátio Escolar é um cabo-de-guerra sacudido por arcanjos juvenis e querubins pueris armados com estilete chinês, bala hololw point e canivete suíço...

¹¹ MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 72-74.

A abordagem do autor configurando a razão sensível possibilitou a observação crítica da razão sistêmica de ordenação e regulação dominante, incluindo a cultura escolar, sem a perda dos importantes critérios análogos racionais associados à reflexão, a conjectura e a dedução no que concerne identificar as diferentes categorias de análises teóricas preocupadas com o estudo da crise dos paradigmas constituintes da modernidade.

No Pátio Escolar há muitos Mários que ainda não saíram do armário...

Os canteiros arborizados do Pátio da Escola fingem que são enfeitados bulevares, imitam jardins babilônicos, se mostram como praças de domingos, copiam góticas catedrais, simulam mirantes islâmicos e obeliscos egípcios. De um modo geral, toda interação sociocultural produzida no Pátio não tem tempo cronológico, exceto às vagas do entre-aulas e a brevidade dos intervalos das aulas.

As obras primas e primárias confeccionadas no Pátio não têm unicidade e nem tão pouco contam com o reconhecimento do público especializado. Seus artistas desconhecem o intercâmbio e pouco se importam com acabamento final. No Pátio Escolar, não há mecenas presentes e, tanto o artista quanto a obra, são produtos descartáveis. Os artistas do Pátio sabem que, no final das contas, todos terão direitos a 15 minutos de fama.

Diante de uma observação mais atenta, nota-se que as relações artísticas do Pátio da Escola são provisoriamente inventadas, delicadamente copiadas, criativamente parodiadas. Os objetos são ocultamente pré-fabricados, dissimuladamente improvisados, cordialmente imitados, por fim, são simulacros de pastiches realistas. E suas formas são variáveis e infinitas. Por sua vez, seus objetos não são o que aparentam, a refuncionalização deles depende do olhar desejoso de cada expectador.

O comportamento ocioso e hedonista daqueles que freqüentam o Pátio Escolar encontra-se para além do Passante Baudeleriano e do Dandi Proustiano. Se a sociedade do trabalho precisou do espaço do ócio criativo,¹² então não há porque negar ou mesmo reprimir a permanente construção de estilo de vida e visão de mundo interagida que acontece no Pátio Escolar.

Os freqüentadores do Pátio Escolar, por vezes, são esnobes, precavidos, arrogantes, presunçosos, carbonários, extrovertidos, comovidos, imprecisos, pólidos, desastrados, libertinos, escorregadios, moderados, astutos, resignados, estorvados, perspicazes, meliantes, anárquicos, indolentes, surpresos, comoventes. E ainda, são passivos intolerantes, acomodados frustrados, ingênuos insurretos, ativos desencontrados, bobos conformados, libertinos e intransigentes.

¹² De Masi, Domenico. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, p. 98.

Na perspectiva do autor, analisando a sociedade do trabalho, o tempo do lazer e as atividades fora do setor produtivo, então resultante das novas relações de trabalho devido tanto ao desenvolvimento tecnológico como a organização social dos trabalhadores, ajudaram na imaginação criativa.

No Pátio Escolar, os alunos (as) se comportam como grupo de estudo, tropa de linchamento, horda predatória, equipe poliesportiva, turbas de guetos, corja de gangue, indivíduos desgarrados e sujeitos solitários.

Não é fácil admitir o nível de inventabilidade dos que freqüentam o ambiente do Pátio. Eles se mostram ilustradamente glamorosos, voluntariamente assíduo, diletante pontual, retraídos gentis, abnegados participativos, tímidos interligados, pólidos cooperativos e críticos delirantes.

Nele o riso corre frouxo...

Ou seja, diferentes tipos se esbarram no Pátio Escolar: meninos gordos, belos rancorosos, ninfetas prodigiosas, gigantes atrapalhados, magros socialites, pequenos; amargos rapazes, meninos tranqüilos, encantados, moças simpáticas, anciões enxeridos e, os mais diversos arquétipos narcíseos modernos. No limiar do pátio, seus ocupantes se deslocam em zigue-zague, picham manchas translúcidas, consomem estranhos sabores, confessam mentiras, frustram expectativas, lavam roupa suja ao vento livre, confiscam palavra, roubam gestos, embromam atitudes, entregam-se e integram-se nos impulsos da juventude cósmica do coração de estudante.

Todavia, convém advertir aos “Especialistas da Educação”: *seria prudente reconhecer que à natureza Educacional do Pátio Escolar é Livre e Desterritorializada conforme a vontade e o desejo dos seus habituais Freqüentadores...*

Por fim: *alguém já se perguntou o quão à forte luz que se expande espontaneamente por todo Pátio Escolar ajuda a iluminar o breu da escuridão que se encontra todo Sistema Educacional Brasileiro?*

Bibliografia

CALVINO, Italo. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 2000.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Arte de Fazer. Rio de Janeiro; Petrópolis, 1994.

BARROS VITA e BEZERRA DE ANDRADE, Ivone e Fenando Cesar (Org.). *(Des)fiando a Trama: A Psicanálise nas Teias da Educação*. Editora Casa do Psicólogo, 2005.

De MASI, Domenico. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, para Quê?* São Paulo: Cortez, 1998.

-KLEIMAN, A. B. (org.). *Os Significados do Letramento: uma Nova Perspectiva sobre a Prática Social da Escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERRONOU, Philippe. *Avaliação: Da Excelência a Regulação da Aprendizagem*. São Paulo: Artmed, 1999.

RAMA. Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documento de Identidade. Introdução às Teorias do Currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. (Org.). *O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOARES, M.B. *Letramento: um Tema em Três Gêneros*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

TEIXEIRA, Dr. Gustavo. *Desatentos e Hiperativos. Manual para os Alunos, Pais e Professores*. São Paulo: Editora Best Seller, 2011.

VYGOTSIKY, Lev S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.